

UNIVERSIDADE FEDERAL DE
RONDÔNIA

CENTRO INTERDISCIPLINAR
DE ESTUDO E PESQUISA DO
IMAGINÁRIO SOCIAL



REVISTA LABIRINTO
ANO XVI
VOLUME 24
NÚMERO 1
(JAN-JUN)
2016
PP. 9-33

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES

(THE TEXTBOOK OF HISTORY IN THE EARLY YEARS: USES, LIMITS AND POSSIBILITIES)

ME. ALEXANDRE JOSÉ KRUL

Professor do Instituto Federal Farroupilha
alexandre.krul@iffarroupilha.edu.br

DRA. RÚBIA EMMEL

Técnica Administrativa em Educação do Instituto Federal do Rio Grande do Sul
r_emmel@hotmail.com

RESUMO: Esta pesquisa-recorte decorre da análise do enredo dos livros didáticos de História, utilizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Esta investigação científica constou de uma análise, através da perspectiva qualitativa, tendo como objetivo identificar e analisar os conteúdos apresentados pelos livros didáticos, no que tange aos seus conceitos e o modo como eles podem interferir na prática docente; uma vez que seu uso de forma tácita, se dá de maneira equívoca e constrói sempre uma relação de adoção entre professores nos anos iniciais e este material didático, conforme a literatura já aponta e reforça através de outras pesquisas da área. Na análise de resultados emergiram as seguintes categorias: simplificação; generalização; linguagem infantilizada; discriminação; analogias; determinismo/ideologia; elementos de gênero; antropocentrismo. Pelo fato do livro didático ser distribuído pelo PNLD e ser gratuito, é importante que ao chegar às escolas, estas não se descuidem deste recurso, fazendo uma análise crítica sobre o seu conteúdo, pois estes implicam em uma formação com lacunas conceituais, defasada, com restrição de informações e conhecimentos. Desse modo, formação, pesquisa e a prática podem se fortalecer, em especial pela reflexão na ação docente e pelo entrelaçamento que Universidade e Escola podem fazer na

perspectiva de suscitar discussões e formação contínua acerca deste tema que acompanha a escola há muito tempo. Portanto, a formação continuada de professores pode ser uma possibilidade de análise do enredo dos livros didáticos, bem como do estudo de categorias e usos dos livros didáticos na Educação Básica.

PALAVRAS-CHAVE: Livro Didático. Ensino de História. Anos Iniciais.

ABSTRACT: This research-cut stems from the plot of the analysis of history textbooks used in the early years of elementary school. This scientific research consisted of an analysis by qualitative perspective, aiming to identify and analyze the content presented by textbooks, with respect to its concepts and how they can interfere in the teaching practice; since its use tacitly, occurs in a misleading way and always builds an adoption relationship between teachers in the early years and this courseware, according to the literature already points and reinforces other research through the area. In results analysis emerged the following categories: simplification; generalization; infantile language; discrimination; analogies; determinism / ideology; gender elements; anthropocentrism. Because the textbook be distributed by PNLD and be free, it is important to get to schools, they do not just shrug it off this feature by making a critical analysis of their content, as they imply a training with conceptual gaps, lagged with restriction of information and knowledge. Thus, training, research and practice can be strengthened, especially by reflection in teaching activities and the entanglement that university and school can make the prospect of raising discussions and training on this subject that accompanies the school long ago. Therefore, the continuing education of teachers may be a possibility of plot analysis of textbooks, as well as the study of categories and uses of textbooks in basic education.

KEYWORDS: Textbook. History teaching. Initial years.

INTRODUÇÃO

O livro didático é problematizado de forma crescente em inúmeras pesquisas no Brasil, desde a década de 1980, como por exemplo, nos artigos de Bonazzi; Eco (1981); Nosella (1981); Faria (1984); Freitag, Motta, Costa (1987); Baldissera (1993); Geraldi (1993); Fracalanza (1994); Silva (2000); Fracalanza (2006); Martins (2006); Lopes (2007), que não esgotaram as pesquisas, mas sugeriram novas questões que merecem outros olhares.

O livro didático vem sendo caracterizado historicamente como o instrumento referencial básico de trabalho do professor, e tem despertado interesse de muitos pesquisadores nas últimas décadas; sendo analisado sob várias perspectivas, destacando-se os aspectos educativos e seu papel na configuração da escola que temos. As discussões em torno do livro didático estão vinculadas ainda, à sua importância econômica para um vasto setor ligado à produção de livros e também ao papel do Estado como agente de controle e como consumidor dessa produção. No caso brasileiro, os investimentos realizados pelas políticas públicas nos últimos anos transformaram o Programa

Nacional de Livro Didático (PNLD) no maior programa de livro didático do mundo (BRASIL, 2015).

O livro didático assume ou pode assumir funções diferentes, dependendo das condições, do lugar e do momento em que é produzido e utilizado nas diferentes situações escolares. Parafraseando Cavalheiro (2004) por ser um objeto de "múltiplas facetas", o livro didático é pesquisado enquanto produto cultural; como mercadoria ligada ao mundo editorial e dentro da lógica de mercado capitalista; como suporte de conhecimentos e de métodos de ensino das diversas disciplinas e matérias escolares; e, ainda, como veículo de valores, ideológicos ou culturais.

Conhecer os conceitos veiculados pelos livros didáticos, discuti-los e ressignificá-los é um modo de fortalecermos a contracorrente no que tange as políticas nacionais, que instrumentam e engessam o professor e as aulas na Educação Básica.

Este recorte de pesquisa pretende expressar apenas uma parte das possibilidades de pesquisa no que tange ao nível conceitual da área, trazendo a tona algumas categorias a priori que foram analisadas no enredo das Coleções de livros didáticos de História utilizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Neste artigo serão discutidos apenas alguns resultados

de pesquisa em relação à crítica ao livro didático e suas interfaces com o currículo e o ensino nos processos de formação inicial e continuada.

Esta investigação científica constou de uma análise, através da perspectiva qualitativa tendo como objetivo identificar e analisar os conteúdos apresentados pelos livros didáticos, no que tange aos seus conceitos e o modo como eles podem interferir na prática docente; uma vez que, seu uso de forma tácita se dá de maneira equívoca e constrói sempre uma relação de adoção entre professores nos anos iniciais e este material didático, conforme a literatura já aponta e reforça através de outras pesquisas da área.

Ao considerar o livro didático como o “currículo escrito”, o “texto curricular”, que reinterpreta sentidos e significados de múltiplos contextos, que constitui uma “produção cultural” (LOPES, 2007), ou ainda como “artefato cultural” e “texto híbrido” (MARTINS, 2006), percebemos que ele imprime direção ao processo pedagógico, considerando a existência de uma maquinaria didática, catalisada pela sua presença e seu uso (GERALDI, 1993). Sobre sua utilização, cabe pensá-lo de forma não-linear, mas rizomático e transcendente, pois ultrapassa o modelo posto, e junta-se a reinterpretação do livro-currículo em ação (AMORIN,

2004). Já Sacristán (2000) define os livros didáticos como agentes apresentadores do currículo pré-elaborado para os professores, considerando que “no trabalho cotidiano, os professores descobrem nos livros não somente os conteúdos a serem ensinados, mas também uma proposta pedagógica que passa a influenciar de modo decisivo a ação do professor” (SELLES; FERREIRA, 2004, p. 4).

ACERCA DA METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida através da análise dos livros didáticos de História utilizados nos anos iniciais do Ensino Fundamental. O estudo partiu de uma análise documental, caracterizado pela abordagem qualitativa. Conforme Lüdke; André (1986), a análise documental pode constituir-se numa técnica valiosa de abordagem qualitativa, seja complementando as informações obtidas por outras técnicas, seja desvelando aspectos novos de um tema ou problema.

Através desta pesquisa foram comparadas e analisadas diferentes categorias, conforme as definidas nos artigos de Güllich; Caramão; Pes, (2006, p.56) e Güllich, (2004, p. 47) e ainda, produzidas outras a partir

dos livros didáticos. Cada categoria foi analisada em separado, após visão geral de suas características abrangentes sobre o ensino e que conseqüências trazem ao educando, bem como sua recorrência no material empírico testado.

A análise dos dados foi realizada através da análise de conteúdo, por categoria temática, conforme as seguintes etapas descritas por Lüdke; André (1986): - Primeira etapa: unidade de contexto, pois é importante estudar o contexto em que uma determinada unidade ocorre; - Segunda etapa: análise da forma de registro, que são formas de síntese da comunicação, incluindo o tipo de fonte de informação, os tópicos ou temas tratados, o momento e o local das ocorrências, a natureza do material coletado; - Terceira Etapa: vai culminar na construção de categorias ou tipologias.

As categorias devem antes de tudo refletir os propósitos da pesquisa, sendo um exame do material que busca aspectos recorrentes, que aparecem com certa regularidade. Categoria abrange um único conceito, todos os itens incluídos nessa categoria devem ser homogêneos, ou seja, devem estar lógica e coerentemente integrados (LÜDKE; ANDRÉ, 1986, p. 43).

A nominata das Editoras, Autores e Coleções utilizadas na pesquisa foi preservada, e ainda, qualquer forma de publicidade que evidencie seus nomes, bem como a não identificação das entidades que adotaram os mesmos, objetivando o respeito e uma postura ética, conforme a Resolução nº 466/2012 (BRASIL, 2015).

A coleta de dados ocorreu em um município da Região Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul (RS), em escolas públicas, da rede municipal de ensino. Para análise de conteúdo, foram utilizadas dez coleções de diferentes editoras de livros didáticos do PNLD, dos anos iniciais do Ensino Fundamental, no componente curricular de História, retiradas através de empréstimo do Banco do Livro de Escolas públicas. Eles estavam devidamente registrados no PNLD de 2005 à 2007.

ANALISE DOS LIVROS DIDÁTICOS DE HISTÓRIA

No Quadro 1 são expostos alguns exemplos das categorias que se evidenciaram na análise do enredo dos livros didáticos de História utilizados nos anos iniciais.

Quadro1: Categorias temáticas evidenciadas no enredo dos livros didáticos de História.

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

Categorias	História	Livros Didáticos
Simplificação	As principais causas dos problemas urbanos são a má distribuição de renda e o desemprego (E22, p. 59). Os africanos que foram trazidos para trabalhar como escravos nas terras brasileiras chegavam de diferentes regiões da África (E8, p.74).	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E34, E35, E36, E37, E38, E39, E40=40
Generalização	Muitos bairros têm nomes indígenas (E22, p. 22). Muitas crianças têm animais de estimação (E9, p. 76).	E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E24, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E34, E35, E36, E37, E38, E39, E40=40
Linguagem Infantilizada	As crianças eram batizadas com essas	E1, E6, E9, E10, E11, E13, E17, E18, E19, E20, E26, E29, E32, E33,

	camisolinhas (E9, p. 57). ...ou ainda pedacinhos de dois nomes juntos (E9, p. 14).	E34, E36, E37, E38, E40=19
Discriminação	Ser criança é ser um cidadão, este é um sonho dos meninos do Brasil, ninguém quer ser um delinqüente, um trombadinha (E9, p. 152). O homem negro não é melhor que o homem branco (E15, p. 48).	E1, E5, E6, E7, E9, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E25, E27, E29, E30, E32, E36, E38=19
Analogias	Olhe de novo: não existem brancos, não existem amarelos, não existem negros, somos todos arco-íris (E8, p. 123). Sabe de quem era esse cachinho de cabelo, Mariana? – Tão fofinho, parece	E7, E8, E9, E10, E13, E14, E16, E17, E19, E28, E30, E32, E33, E36, E37=15

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

	de boneca (E9, p. 56).	
Determinismo/ Ideologia	Grande parte dos brinquedos não existe mais, principalmente os que eram feitos de madeira e de pano, <i>porque estragam facilmente</i> (E9, p. 99). Histórias que misturam, esperança, alegria, saudades e que não deixam de <i>impressionar pela coragem e ousadia</i> (E8, p. 110).	E1, E5, E6, E8, E9, E10, E12, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E21, E22, E23, E25, E26, E27, E28, E29, E30, E31, E32, E33, E36, E37, E38, E39, E40=32
Elementos de Gênero	Troque idéias com o <i>seu professor</i> (E15, p. 87). Você acha que nos dias de hoje <i>as meninas são educadas para ser apenas mães de família?</i> (E16, p. 125).	E5, E6, E7, E13, E14, E15, E16, E17, E18, E19, E20, E26, E30, E32, E34, E35, E38, E40=18

Antropocentrismo	Os alimentos e outros produtos são transportados de lá para cá, de cá para lá. Vão de carroça, de trem, de caminhão...isso <i>não seria possível sem o trabalho de muitas pessoas</i> (E10, p. 58). <i>É incrível a quantidade de coisas que o ser humano pode fazer com materiais retirados da natureza</i> (E9, p. 106).	E9, E10, E23=3
------------------	---	----------------

Fonte: Autor 1, Autor 2, 2015. **Legenda:** E: História; numeração (1, 2, 3...) especificação do livro didático, conforme o exposto no Quadro 2 em anexo.

No Quadro 1 percebemos aspectos e nuances dos livros didáticos de História denunciados pela análise em oito categorias distintas e recorrentes na maioria dos livros didáticos analisados.

Segundo Pes, Caramão e Güllich (2006), a questão de simplificar dados, processos e conceitos

acerca de qualquer tema, é como se criasse uma linguagem de importância mínima, ou que não mereça atenção exclusiva. Em História, são exemplos da simplificação: “devido à falta de empregos, muitos trabalhadores passaram a viver de ‘bicos’” (E1, p. 65); alguns dos alimentos vendidos na rua antigamente eram refresco, frutas e biscoitos (E10, p. 45); existem museus históricos, de pintura (pinacotecas), de escultura, de arqueologia, de zoologia (E18, p. 106). Estes não são os únicos tipos de Museus, pois sabemos que existem Museus: de Ciências, de técnicas e de materiais, militares e etnográficos. Propagações como estas fazem com que a criança acabe por acreditar que existem apenas os tipos de Museus que estão listados no livro. É interessante ressaltar que o livro não traz nenhuma figura de como é um Museu, o que não suscita o interesse e curiosidade de quem lê o texto sobre o Museu. Saliento que geralmente os municípios apenas um Museu histórico, por este fato as crianças não têm conhecimento de outros Museus e nem se quer o livro didático faz referência à importância cultural de um Museu, como a criança terá interesse por este tema descrito no livro?

Nos livros didáticos de História percebemos que em algumas simplificações, processos históricos das

temáticas elencadas no livro didático acabam por ser esquecidos, apresentando-se somente trechos de textos, o que traduz um conhecimento fragmentado. Mas é importante destacar que ao simplificar, o livro acaba por omitir fatos que são extremamente importantes, para a riqueza e diversidade de concepções sobre um determinado assunto por parte do estudante.

A simplificação que se fez presente nos livros didáticos traduz o quanto os textos presentes estão fragmentados, ocultando verdades, como se esta fosse uma forma de facilitar a compreensão dos estudantes acerca de alguns conceitos e conhecimentos, mas o que acontece é que o estudante pode acabar até não compreendendo processos, ou conceitos que o livro traz. O professor pode trabalhar estes conhecimentos de forma mais abrangente, por este fato o livro didático não pode ser o único referencial básico, tanto do estudante quanto do professor.

O vocabulário infantilizado ainda é encontrado nos livros didáticos; percebemos este tipo de ensino com uma linguagem amidiada e infantilizada para crianças que não vai atrair a atenção delas, e nos dias de hoje, muitas crianças entre seis e dez anos de idade podem rejeitar este tipo de escrita, classificando esta

como retrógrada e ultrapassada. Pelo fato de um educando estar cursando um dos anos iniciais, tende-se a utilizar palavras em termos diminutivos, o que pode muitas vezes discriminar a criança ou até mesmo infantilizá-la de um modo geral, fazendo com que esta não veja o espaço real em que está sendo confrontada.

A linguagem infantilizada que faz aderência ao discurso competente do livro didático se traduz em leitores que se transformam em expectadores maravilhados, que se deixam levar pelo que está escrito, é importante sim desenvolver a criatividade, a ludicidade, o “faz-de-conta”; mas que estes sejam contextualizados e condizentes à realidade que nos cerca. Decorrente desta análise cabe questionar: que tipo de interpretação o leitor fará do texto?

A discriminação relatada nos livros didáticos é descrita por Güllich (2004) como uma marginalização ou rejeição dos demais seres vivos em relação ao ser humano, sendo que todos os outros seres vivos ficam à mercê de descarte como se fossem inúteis e sem importância no contexto da vida no planeta.

Na área de História: “ imagine onde e como acolher tantas pessoas nobres, em uma cidade que ainda sofria problemas básicos de segurança e de saneamento” (E7, p. 78), esta frase se refere a um

trecho do relato da chegada da família real ao Brasil, o que faz uma discriminação com outras culturas, até mesmo com os brasileiros, pois os “nobres” estavam chegando a uma cidade “precária”. Em outra frase: “o modo como as casas são construídas demonstra as preocupações das pessoas, por exemplo, com a privacidade, a higiene, a iluminação e a ventilação dos espaços de convivência da família” (E25, p. 48), o contexto da frase desconsidera o fato de que talvez a pessoa que não tem melhores condições de moradia, seja consequência das condições sócioeconômicas dela, e que talvez ela tenha preocupações ou planos de melhorar sua moradia, mas infelizmente devido à falta de condições financeiras não pode garantir ainda tais condições. Destacamos que este tipo de texto traz ao estudante uma visão de conformismo com as situações, “vive assim porque quer”.

Não se trata somente de mudar o livro didático, mas também o modo de trabalho do professor, para, “que ele use linguagem acessível ao estudante, leve-o à reflexão crítica, à pesquisa e à criatividade” (FARIA, 1984, p. 6).

Ressaltamos a importância do livro didático oferecer em seu enredo oportunidades para o estudante chegar as suas próprias conclusões sobre as

diferentes realidades, que o livro o auxilie neste sentido. No entanto, o que acontece é que alguns livros didáticos acabam por manipular a visão do leitor que está constituindo as noções dos diferentes conteúdos, sendo que talvez ainda não tenha visto ou conhecido realidades distintas, o que acaba reafirmando uma visão errônea no que compete a cultura, os espaços geográficos, ciência e tecnologia.

As análises de certas falhas do livro didático levam ao encontro da “síndrome da generalização”, produzida por muitos autores, que colocam um fato como sendo o precursor de todos os outros (PES, CARAMÃO E GÜLLICH, 2006). Neste caso, percebemos a falta de interesse do autor do livro didático na forma de redigir o texto, em que meias verdades preponderam sem qualquer preocupação com o que é dito, pois para o educador o fundamental é manter um programa que prioriza o livro didático (NOSELLA, 1981); (BONAZZI; ECO, 1980). Este instrumento didático vem sendo considerado como único “detentor da verdade” e com isso se torna um regrador da educação brasileira, com conceitos estereotipados e desatualizados, em muitos momentos.

São exemplos de Generalização nos livros didáticos de História: “a religiosidade dos negros

africanos e seus rituais, hoje fazem parte das crenças de muitos brasileiros” (E12, p. 106), este tipo de afirmação não traz consigo especificidades, a fim de contribuir para que os estudantes possam entender as causas e os fatores que contribuíram para este fato. “A família é um grupo de pessoas do mesmo sangue e da mesma origem” (E18, p. 28), esta outra afirmação traz um conceito de família repleto de ideologia e concepções errôneas, que não deviam ser trabalhadas de forma tão estereotipada com o estudante. “Um dos sonhos das pessoas sempre foi conhecer outras terras, outros povos” (E31, p. 29), a partir desta, vale questionar: será que todas as pessoas têm esse sonho? E quais os fatores que contribuem para este sonho das pessoas? O consumo, o turismo e a exploração mercantilista do espaço não estão sobremaneira expostas nestas afirmações? Gerando ou produzindo um “grande sonho”.

Analogias fazem parte de nosso cotidiano na medida em que comparamos algo que é semelhante. A linguagem apresenta-se como forma de expressão individual de cada ser e é através dela que deciframos os códigos naturais de sobrevivência.

Segundo Giraldi (2005); Nosella (1981); Bonazzi; Eco (1980) o uso de palavras com a intenção de mostrar

ao leitor a intenção da analogia, como por exemplo: “semelhante”, “lembram”, “como”, “assemelham”; apresentam a analogia de forma explícita. Assim expressões como: “se um bichinho não mama, ele não se alimenta e não se desenvolve. A mesma coisa acontece com as pessoas” (E10, p. 14); “que o homem confiará no homem como a palmeira confia no vento” (E37, p. 40); “depois que o barro secava, esses amuletos ficavam duros como ferro” (E28, p.15).

Conforme estudos de Amaral (2006) as mensagens ocultas presentes no enredo dos livros didáticos passam despercebidas, ofuscadas pelo brilho falso e fácil dos critérios de análise e descritores tradicionalmente utilizados.

São exemplos de Determinismo/Ideologia: “Há cerca de 450 anos chegaram aqui alguns padres jesuítas. Eles queriam ensinar a religião católica aos indígenas. Para isso, começaram a ensinar, especialmente as crianças, a ler e escrever, rezar e cantar” (E1, p. 41). A relação entre brancos e índios é estereotipada e vertical, onde os primeiros são os doadores da verdadeira cultura, e civilização superior, enquanto os segundos são os receptores “selvagens” e “ignorantes” (NOSELLA, 1981, p. 180).

“Cada família tem suas regras. E, para viver bem em família, é preciso obedecê-las” (E13, p. 104); “é importante que as pessoas da família estejam juntas também para o lazer e os passeios” (E13, p. 105), os pais trabalham, os filhos estudam e todos os membros cooperam para que a família seja um lugar de segurança e tranquilidade. Isto sugere que a felicidade, a segurança, a tranquilidade da família depende, única e exclusivamente dela mesma, como se essa instituição não fosse uma micro-estrutura inserida numa macro-estrutura social, e que está aberta a toda a complexidade e contradições desta última: a vida em sociedade (NOSELLA, 1981).

Quando em E13 se prescreve a obediência, devemos levar em conta que ao se valorizar mais “a obediência, a autoridade constituída e a passividade diante de comportamentos predeterminados, se está anulando toda originalidade, criatividade e espírito crítico das crianças” (NOSELLA, 1981, p. 53).

“Veja esta foto: Nela vemos algumas crianças com a mão levantada. Levantar a mão para pedir atenção do professor é uma atitude que contribui para a organização da sala de aula” (E25, p. 61), “muitos profissionais estão trabalhando, dentro e fora da escola, para que você estude, aprenda, cresça e se torne um dia

também um profissional” (E29, p. 120). Nas frases dos livros didáticos de História a mensagem transmitida pelos textos citados anulam toda e qualquer espontaneidade dos alunos, subjacente à ideia de que todos têm de trabalhar. As pessoas que possuem as melhores e mais extensas qualificações escolares terão melhores oportunidades de bons empregos e bons salários (NOSELLA, 1981).

“Você saberia dizer por que a melhor coisa do mundo era quando o menino maluquinho voltava da escola?” (E17, p. 39) essa introdução de capítulo de livro, bem como a figura, induz a criança que ficar em casa é bem melhor do que ir para a escola. “O trabalho é um verdadeiro tesouro” (E18, p. 148), esta frase é expressa no final de um texto, que introduz o capítulo intitulado “o trabalho no campo”, sendo que o texto em questão, já foi criticado como ideologia capitalista no obra de Nosella (1981). Mostra que a realidade é falsa, pois nem todo o trabalho produz riqueza, silenciando assim a exploração dos trabalhadores rurais, sendo estes produtores de riqueza nacional (NOSELLA, 1981, p. 121). É, no mínimo, constrangedor que um texto que já foi questionado e criticado por uma obra de 1981 permaneça ainda presente no livro didático, com um “selo do PNLD 2007”. Poderíamos usar a frase apelativa

de Bonazzi; Eco (1981), quando frisa que o livro coloca o trabalho como uma dádiva do céu, pela qual devemos agradecer dia e noite.

A escola também transmite a ideologia dominante, que está em todo lugar. É o lugar onde esta transmissão se dá planejada e organizadamente. A escola transmite a ideologia da classe dominante, que está em todo o lugar, o caráter promotor da escola, é mera ilusão ideológica cultivado pela burguesia como instrumento de dominação (FARIA, 1984, p. 58).

O estudo da ideologia subjacente aos textos de leitura mostra que o objetivo real dos livros didáticos é o de criar um mundo relativamente coerente, justo e belo, no nível da imaginação, com a função de mascarar um mundo real, que, contraditório e injusto, é necessário para as classes hegemônicas (NOSELLA, 1981, p. 177). Salientamos ainda, que a característica do mundo imaginário criado pelo livro didático é estereotipado e idealizado, fixando modelos de comportamentos e de valores que funcionam como fonte de lucro para a classe dominante; levam ao

consumismo, distorcem o sentido da cidadania, democracia e autonomia dos cidadãos.

Nos livros didáticos de História, observamos que as figuras e textos representando meninos são aquelas em que realizam atividades como: jogando futebol, andando de moto, brincando de carro, ganhando carrinhos, ganhando pipas, brincando com avião, bolinhas de gude e soldadinho. Por outro lado, as meninas ganham bonecas, brincam de boneca, compram frutas, fazem docinhos, compram alimentos e fitas e ganham bombons, pirulitos e balas, além de realizarem tarefas domésticas. Estas diferenças que são assumidas pelos livros apresentam uma total dissociação entre o masculino e feminino e isto gera um clima de diferença que causa cisão, controle social e estereótipos. Percebemos que pressupostos de gênero circulantes nas culturas constituem meninos e meninas enquanto sujeitos.

Os Elementos de Gênero presente nos livros didáticos constituem masculinidades e feminilidades, organizam as relações, produzem áreas de atuação mais adequadas para homens e mulheres (PEREIRA, 2008). A partir da análise das relações de poder entre homens e mulheres, e das posições de sujeitos então criadas pelo

livro didático, foi possível perceber a hegemonia presente nas relações.

Nos livros didáticos de História, são exemplos dos Elementos de Gênero: “os homens fazem os trabalhos mais pesados, as mulheres fiam o tucum” (E13, p. 16); “o trabalho de lavar e de secar são feitos pelas mulheres” (E6, p. 41); “os homens se reúnem todos para derrubar a roça. A mulherada faz a comida, faz a bebida” (E18, p. 123). Os trechos acima vêm de textos que relatam a forma de trabalhar dos índios, sendo que reafirma em vários trechos que existem trabalhos de homens e de mulheres, mitificando as relações de gênero na sociedade, o que contribui para uma visão genérica, tanto da mulher como do homem, nos espaços sociais.

Tendo o gênero um caráter dialógico, que procura uma atitude ativa do interlocutor, os enunciados expostos nos livros devem ir ao encontro destas respostas (NEMI NETO, 2007). Afirmarões como esta, trazem que as classes de gêneros evidentes na realidade dos estudantes, devem ser respeitadas, o que não acontece no livro didático, uma vez que este torna fixa as relações entre meninos e meninas.

Percebemos que o gênero relacional, se evidenciou na análise, onde as relações entre homens e mulheres, se dão de forma que um completa o outro,

onde somente o homem é forte e prevalece a mulher como sendo frágil. O que se estabelece nesta relação, é que um se constitui em negociação aos valores do outro.

Para Amaral (2006) o antropocentrismo é uma noção de natureza passiva somente a serviço do humano, ênfase na disponibilidade, conservação e uso racional dos recursos naturais, concepção de um ser humano não natural, destacado da natureza e todo-poderoso em relação a ela.

O antropocentrismo, a rigor de conceito, é a filosofia que considera o homem como centro do universo. Parafraseando Corrêa (2000) trata-se de uma visão fragmentada de homem e natureza criando dicotomias que ora caracterizam o homem como preservador romântico e defensor incondicional do meio, ora vilão exterminador e responsável por toda a degradação ambiental.

Os livros didáticos podem evitar o uso de uma visão antropocêntrica, incentivando uma postura de respeito ao ambiente, tanto no que se refere à sua conservação quanto à maneira como os seres vivos são retratados (AMARAL, 2006). Conforme Corrêa (2000) a consequência de uma visão parcial de homem e natureza é extremamente comprometedora na medida

em que considera, isoladamente, homem e natureza, tratando diferentemente partes que se relacionam em uma mesma totalidade, excluindo ora o homem no processo relacional, ora a natureza, membros integrantes e participantes da mesma relação.

São exemplo de Antropocentrismo em alguns livros didáticos de História: “é incrível a quantidade de coisas que o ser humano pode fazer com materiais retirados da natureza” (Eg, p. 106); “isso só é possível graças ao trabalho das pessoas” (Eg, p. 103); outra vez se dá ênfase a uma visão unicamente a partir do ser humano, quando se trata de paisagens.

Percebemos que os livros didáticos de História abordam de forma geral a História do Brasil, com dados e fatos de nosso passado sem fazer relações com o presente. Há presença de muitas ilustrações, e na maioria as imagens estão relacionadas ao nosso passado. Em relação a esse excesso de imagens nos livros didáticos de História, Bittencourt (2001) chama atenção afirmando que:

embora a introdução de gravuras e mapas no ensino de História, há cerca de um século, e manipulação de imagens apresentadas atualmente como material didático demonstrem a importância desse recurso na

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

cultura histórica escolar, a reflexão sobre o papel que efetivamente desempenham no processo de ensino e aprendizagem é escassa (BITTENCOURT, 2001, p. 70).

Destacamos na análise a importância da reflexão em relação às imagens presentes nos livros didáticos, pois estas poderiam complementar os textos, que já são na maioria escassos de informações ou mesmo incompletos, do contrário, essas imagens são apenas ilustrativas. Este é um fator que serve como justificativa, para alguns educadores ao fazerem a opção/adoção de uma obra, pois relacionam quantidade de imagens com qualidade da obra.

Os livros didáticos procuram trazer algumas questões sociais relacionadas ao trabalho, no entanto, não se relacionam com a atual situação do mercado de trabalho, apontando apenas coisas positivas, conforme o texto da Figura 1.



Fonte: E17, 2010.
Figura 1: Ideologia

O desenvolvimento da indústria é fator importante no desenvolvimento social brasileiro, mas não se pode deixar de perceber que paralelamente a este desenvolvimento existem questões sociais que devem ser consideradas, entre elas, a exploração dos trabalhadores nessa área, que sempre existiu e continua presente em nosso país.

Também, através da análise percebemos que a mulher aparece sempre em condição de inferioridade, destacando sua presença em profissões não tão “significativas” quanto à dos homens. Informações como esta fazem parte do enredo do livro didático de História, sendo concepções historicamente difundidas, não fazendo referência que nos dias atuais a mulher pode exercer essas profissões, historicamente atribuídas somente ao homem. Nesse sentido, o livro didático serve como difusor de preconceitos e não respeita as classes de gênero.

Para Bueno (2003, p. 108) as temáticas abordadas nos livros didáticos de História são tradicionais no currículo do ensino de História, em que são valorizados os Estados do Sul e Sudeste. O autor ainda descreve as iconografias como detonadoras de discussões, propondo ao leitor que imagine cenas do cotidiano do período estudado. Estas práticas são

encontradas principalmente nos exercícios propostos no livro, neles o estudante deve desvendar costumes, vestimentas e atividades cotidianas de pessoas do passado, partindo de iconografias.

Conforme Baldissera (1993) os livros didáticos de História devem ser adequados aos fatos a interpretar, e devem ser definidos com o máximo de clareza e coerência. O que acontece, segundo o mesmo autor é que muitos autores de livros didáticos não esclarecem, nem definem adequadamente, os conceitos que estão aplicando em determinado contexto. Como os fatos mudam mais rapidamente do que os conceitos, não há sincronia entre eles, resultando daí o surgimento de “conceitos anacrônicos para as realidades que estão sendo estudadas” (BALDISSERA, 1993, p. 29).

A enxurrada de informações e conceitos não trabalhados cria uma confusão gigantesca, principalmente quando os autores adotam uma linha de textos sintéticos, difíceis para o estudante. Que necessidade tem ele de saber um parágrafo ou dois sobre o feudalismo europeu? O que isso vai auxiliá-lo no entendimento do contexto histórico para chegar até a “descoberta” do Brasil? Em nada, pois isso não pode ser trabalhado a contento,

segundo os sistemas adotados pela maioria dos autores (BALDISSERA, 1993, p. 125).

Torna-se necessário que conceitos e categorias sejam constantemente remodelados, adequados aos fatos e sejam claramente definidos. Para que assim, os conhecimentos presentes no enredo dos livros didáticos traduzam-se em aprendizagens significativas e conceitos relevantes, sendo o professor mediador do conhecimento e permitindo-se uma reflexão-crítica acerca do livro didático.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ENTRELAÇANDO NOVOS FIOS

Este estudo foi realizado com o objetivo de identificar e analisar os conteúdos apresentados pelos livros didáticos, seus conceitos, processos e concepções, verificando assim, o processo de uso e adequação do livro didático e a relação teórico-prática estabelecida com os professores nos anos iniciais.

Acreditamos, assim, ser fundamental a formação de professores reflexivos e, no que diz respeito a este estudo, dos professores de anos iniciais, pois será em sua formação inicial, seja no magistério nível-médio, ou

na Licenciatura em Pedagogia, que existirá a possibilidade de se discutir as concepções sobre as áreas do conhecimento, seu ensino, sua aprendizagem e especificidades inerentes a ela.

Para tanto, a prática educativa, numa visão de pensar e fazer pensar, a fim de qualificar os espaços educativos, não pode se restringir ao uso do livro didático, pois “estes podem produzir o esvaziamento cultural, uma vez que simplificam o cotidiano e, ainda, limitam a relação dos conhecimentos científicos” (CAL, 2003, p. 11). O professor que visa à produção do conhecimento do educando e que busca realizar um trabalho criativo, autônomo, reflexivo, terá sempre outras fontes e recursos para desenvolver a ação pedagógica, podendo se afastar da formalidade do livro didático.

A trajetória do livro didático brasileiro nos revela que, desde sua invenção até os dias atuais, sua história é regida por programas oficiais, alicerçados no discurso de melhorias da qualidade da educação nacional. No entanto, a própria história comprova que essa qualidade fica apenas nos discursos, pois as questões de interesses ideológicos são efetivadas no sentido de atender não apenas os interesses da política nacional, mas, também, da política internacional. Estas que, ao longo da nossa

história interferiram na definição das políticas educacionais, sustentadas no discurso da necessidade de mais técnicas ao ensino, vão empobrecendo dia-a-dia a educação.

As implicações do livro didático, suas ideologias, erros conceituais e contextualização desatrelada da realidade trazem à tona a necessidade de continuarmos as pesquisas sobre sua estrutura, conceitos e abordagens evidenciadas. Atualmente, o livro didático fornecido pelo PNLD é gratuito, mas ao chegar às escolas, compete aos professores não se descuidarem da qualidade conceitual, didática, procedimental, e atitudinal expressas no mesmo.

Portanto, é fundamental, com relação ao livro didático que o professor o perceba como mais um recurso a ser utilizado, que fuja de uma utilização linear, que observe a sintonia com a realidade de seus alunos e não trate o conhecimento como algo pronto, estático e acabado. Nesta concepção permanece com a ideia de que o professor deve fazer análise e reflexão, a fim de ressignificar o uso do livro didático.

Por este viés, percebemos que a complexidade do tema demanda novas investigações, pois a história do livro didático e a história política brasileira ainda são muito dependentes de outros interesses, com isso,

acaba gerando confusões de propostas, na expectativa de satisfazer a ideologia dominante.

Acreditamos que a inclusão desta temática na formação de professores pode facilitar a ressignificação de conceitos, práticas e posturas na trajetória dos (futuros) professores, bem como propiciar novos diálogos com a formação continuada.

A análise de livros didáticos deve fazer parte dos cursos de formação de Licenciados, dos cursos de Pedagogia e de outras áreas também, pois todos de uma maneira outra vão usar o livro didático, este pode não estar na academia, mas está nas escolas, e ao se deparar com o livro é necessário que o professor tenha conhecimento das linhas teóricas e da problemática que se estabelece acerca do uso do livro didático. Indo além da academia é necessário que os cursos de formação continuada se preocupem com essa problemática que envolve o livro didático, pois temos anos formação de professores com esta lacuna.

REFERÊNCIAS

AMARAL, I. A. Os fundamentos do ensino de Ciências e o livro didático. In: FRACALANZA, Hilário; MEGID NETO,

Jorge (orgs.). **O livro didático de ciências no Brasil**. Campinas: Komedi, 2006.

AMORIM, A. C. R. Os roteiros em ação: multiplicidade na produção de conhecimentos escolares. In: LOPES, A. C.; MACEDO, E. (orgs.). **Currículo de ciências em debate**. Campinas: Papyrus, 2004.

BALDISSERA, J. A. **O livro didático de história: uma visão crítica**. São Leopoldo: Cultural, 1993.

BITTENCOURT, C. (org.). **O saber didático na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2001.

BONAZZI, M.; ECO, U. **Mentiras que parecem verdades**. São Paulo: Summus, 1981.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Diretrizes e normas regulamentadoras da pesquisa envolvendo seres humanos**: resolução 466/2012. Brasília (DF). 12p. Disponível em: <<http://conselho.saude.gov.br/resolucoes/2012/Reso466.pdf>>. Acesso em: 23 nov. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **O livro didático na história da educação brasileira**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/index2.php>. Acesso em: 08 maio. 2015.

BUENO, J. B. G. **Representações Iconográficas em livros didáticos de história**. Campinas: [s.n.], 2003. (Dissertação de mestrado, Unicamp)

CAL, M. M. P. **O papel do livro didático na construção do conhecimento**. Revista Espaços da Escola. Ijuí, ano 12, n. 48, p. 9-12, abr/jun, 2003.

CAVALHEIRO, M. R. **A crítica do livro didático e seu papel na determinação do currículo escolar**. Trabalho Final de Curso. Três de Maio: Ed. SETREM, 2004.

CORRÊA, G. G. **Uma crítica ao antropocentrismo no ensino de ciências**. In: anais do V escola de verão para professores de ensino de física, química e biologia e áreas afins. Bauru: Edunesp, 2000.

FARIA, A. L. G. **Ideologia no Livro Didático**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 1984.

FRACALANZA, H. **O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de Ciências no Brasil.** Campinas: [s.n.], 1994. (Tese de Doutorado)

_____. O ensino de ciências no Brasil. In: FRACALANZA, Hilário; MEGID NETO, Jorge (orgs.). **O livro didático de ciências no Brasil.** Campinas: Komedi, 2006.

FREITAG, B.; MOTTA, V. R.; COSTA, W. F. **O estado da arte do livro didático no Brasil.** Brasília: Inep, 1987.

GERALDI, C. M. G.. **A produção do ensino e pesquisa na educação:** estudo sobre o trabalho docente no curso de pedagogia. Campinas: [s.n.], 1993. (Tese de doutorado, Unicamp).

GERALDI, C. M. G. Currículo em ação: buscando a compreensão do cotidiano da escola básica. **Proposições**, v. 5, n. 3, p. 111-132, nov. 1994.

GIRALDI, P. M. **Linguagem em Textos Didáticos de Cítologia:** Investigando o uso de Analogias. Dissertação de Mestrado. Florianópolis/UFSC: 2005.

GÜLLICH, R. I. C. **Desconstruindo a imagem do livro didático no ensino de ciências.** Revista SETREM. Três de Maio, v. 4, n. 3, p. 43 – 51, jan. 2004.

GÜLLICH, R. I. C.; CARAMÃO, G.; PES, D. **Educação e saúde: o livro didático, conceitos e processos que envolvem os primeiros socorros.** Três de Maio: SETREM, 2006.

LOPES, A. C. **Currículo e epistemologia.** Ijuí: Unijuí, 2007.

LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A, **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: Epu, 1986.

MARTINS, I. Analisando livros didáticos na perspectiva de estudos do discurso: compartilhando reflexões e sugerindo uma agenda para a pesquisa. **Pro-Posições**, Campinas, v. 17, n. 1, jan./abr. 2006.

NEMI NETO, J. **A narrativa na escola: um estudo dos gêneros narrativos nos livros didáticos de Português.** São Paulo: [s.n.], 2007. (Dissertação de mestrado, USP)

NOSELLA, M. L. C. D. **As Belas Mentiras: ideologia subjacente aos livros didáticos.** 4ª ed. São Paulo: Moraes, 1981.

Recebido em: 31/12/2015

PEREIRA, P. F. **Homens na Enfermagem:** atravessamentos de gênero na escolha, formação e exercício profissional. Porto Alegre: [s.n.], 2008. (Dissertação de mestrado, UFRGS)

Aprovado em: 18/05/2016

Publicado em: 30/07/2016

SACRISTÁN, J. G.. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SELLES, S. E.; FERREIRA, M. S. **Influências histórico-culturais nas representações sobre as estações do ano em livros didáticos de ciências.** Ciência & Educação, Bauru, v. 10, n. 1, p. 101-110, 2004.

SILVA, R. M. **Textos didáticos: crítica e expectativa.** São Paulo: Alínea. 2000.

ANEXO

Quadro 2: Livros didáticos de História analisados.

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

Quadro 2: Livros didáticos de História analisados.							
Nº do livro	Série	Coleção	Disciplina	Título	Autor	Editora	ANO
E1	1ª	Projeto Pitanguá	História	Projeto Pitanguá	APOLINÁRIO, Maria Raquel	Moderna	2005
E2	2ª	Projeto Pitanguá	História	Projeto Pitanguá	APOLINÁRIO, Maria Raquel	Moderna	2005
E3	3ª	Projeto Pitanguá	História	Projeto Pitanguá	APOLINÁRIO, Maria Raquel	Moderna	2005
E4	4ª	Projeto Pitanguá	História	Projeto Pitanguá	APOLINÁRIO, Maria Raquel	Moderna	2005
E5	1ª	Porta Aberta	História	Porta Aberta	LIMA, Mirna	FTD	2005
E6	2ª	Porta Aberta	História	Porta Aberta	LIMA, Mirna	FTD	2005
E7	3ª	Porta Aberta	História	Porta Aberta	LIMA, Mirna	FTD	2005
E8	4ª	Porta Aberta	História	Porta Aberta	LIMA, Mirna	FTD	2005
E9	1ª	História no dia-a-dia	História	História no dia-a-dia	RICCI, Cláudia Sapag	Formato	2001
E10	2ª	História no dia-a-dia	História	História no dia-a-dia	RICCI, Cláudia Sapag	Formato	2001

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

E11	3 ^a	História no dia-a-dia	História	História no dia-a-dia	RICCI, Cláudia Sapag	Formato	2001
E12	4 ^a	História no dia-a-dia	História	História no dia-a-dia	RICCI, Cláudia Sapag	Formato	2001
E13	1 ^a	Meu Espaço, Meu Tempo	História	Meu Espaço, Meu Tempo	SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria.	Ática	2005
E14	2 ^a	Meu Espaço, Meu Tempo	História	Meu Espaço, Meu Tempo	SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria.	Ática	2005
E15	3 ^a	Meu Espaço, Meu Tempo	História	Meu Espaço, Meu Tempo	SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria.	Ática	2005
E16	4 ^a	Meu Espaço, Meu Tempo	História	Meu Espaço, Meu Tempo	SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria.	Ática	2005
E17	1 ^a	Horizontes	História	História com reflexão	MARIN, Marilú Favarin.	lbep	2007
E18	2 ^a	Horizontes	História	História com reflexão	MARIN, Marilú Favarin.	lbep	2007

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

E19	3 ^a	Horizontes	História	História com reflexão	MARIN, Marilú Favarin.	Ibep	2007
E20	4 ^a	Horizontes	História	História com reflexão	MARIN, Marilú Favarin.	Ibep	2007
E21	1 ^a	História em construção	História	História em construção	LOPES, Nelci	Renascer	2003
E22	2 ^a	História em construção	História	História em construção	LOPES, Nelci	Renascer	2003
E23	3 ^a	História em construção	História	História em construção	LOPES, Nelci	Renascer	2003
E24	4 ^a	História em construção	História	História em construção	LOPES, Nelci	Renascer	2003
E25	1 ^a	Viver e aprender	História	Viver e aprender	LUCCI, Elian Alabi	Saraiva	2007
E26	2 ^a	Viver e aprender	História	Viver e aprender	LUCCI, Elian Alabi	Saraiva	2007
E27	3 ^a	Viver e aprender	História	Viver e aprender	LUCCI, Elian Alabi	Saraiva	2007
E28	4 ^a	Viver e aprender	História	Viver e aprender	LUCCI, Elian Alabi	Saraiva	2007
E29	1 ^a	Tantas Histórias...	História	Tantas Histórias...	LINS, Ana Luisa	FTD	2001

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

E30	2 ^a	Tantas Histórias...	História	Tantas Histórias...	LINS, Ana Luisa	FTD	2001
E31	3 ^a	Tantas Histórias...	História	Tantas Histórias...	LINS, Ana Luisa	FTD	2001
E32	4 ^a	Tantas Histórias...	História	Tantas Histórias...	LINS, Ana Luisa	FTD	2001
E33	1 ^a	Historiar	História	Historiar	SCHIMIDT, Dora	Scipione	2004
E34	2 ^a	Historiar	História	Historiar	SCHIMIDT, Dora	Scipione	2004
E35	3 ^a	Historiar	História	Historiar	SCHIMIDT, Dora	Scipione	2004
E36	4 ^a	Historiar	História	Historiar	SCHIMIDT, Dora	Scipione	2004
E37	1 ^a	Trilhos e Trilhas	História	Trilhos e Trilhas	FERNANDES, Jane Gasparotto	Saraiva	2006
E38	2 ^a	Trilhos e Trilhas	História	Trilhos e Trilhas	FERNANDES, Jane Gasparotto	Saraiva	2006
E39	3 ^a	Trilhos e Trilhas	História	Trilhos e Trilhas	FERNANDES, Jane Gasparotto	Saraiva	2006

O LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA NOS ANOS INICIAIS: USOS, LIMITES E POSSIBILIDADES,
DE ALEXANDRE JOSÉ KRUL E RÚBIA EMMEL

E40	4 ^a	Trilhos e Trilhas	História	Trilhos e Trilhas	FERNANDES, Jane Gasparotto	Saraiva	2006
-----	----------------	-------------------	----------	-------------------	----------------------------	---------	------

Fonte: Autor 1, Autor 2, 2015.